

Suplemento de Arqueologia

Mensal | Ano 14 | N.º 114 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Rede viária romana em Lousada

A ponte de Barrimau em Aveleda e vias confluentes

Luís Sousa *

Introdução

O estudo das vias romanas é, porventura, uma das mais apaixonantes temáticas do processo de Romanização, conquanto a dificuldade sempre presente para delinear em pleno o seu traçado, pois que los caminos antiguos son una constante frecuente en el territorio de países cuya historia es tan dilatada como la del viejo continente en el que nos encontramos ¹, sendo, por isso, difícil um balizamento cronológico diferenciado, já que terão sido ao longo dos tempos continuamente utilizadas, com alterações, aqui e ali, de traçado e mesmo pelas obras a que obrigatoriamente foram sendo sujeitas, imprimindo, num período tão dilatado, consideráveis alterações morfológicas, o que torna de certa maneira impeditiva uma observação clarificadora de identificação morfo-tipológica que possibilite incluir determinada via num período cultural definido.

Num artigo que publicamos na Revista Municipal de Lousada n.º 94, de Fevereiro de 2012, sob o título «Eixo viário romano Oculis -Tongobriga: sua presença no concelho de Lousada», tecemos um conjunto de reflexões concernentes àquele que é apontado como o principal eixo viário a cruzar o concelho de Lousada em Época Romana. Na senda das informações avançadas e porque achamos que estudar a implantação da rede viária num território ao longo dos tem-



Fig.1a e 1b - Dois pormenores do intradorso do pilar direito da ponte romana sobre o rio Sousa, em Barrimau (Aveleda). Fotografias do Mestre Miguel Rodrigues.

pos concorre para uma melhor compreensão de certos fenómenos socioculturais e económicos, dedicamos o presente texto à ponte romana de Barrimau, situada na freguesia de Aveleda (Lousada) e rede viária confluyente, contribuindo deste modo para que paulatinamente se vão consolidan-

* Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

¹ Moreno Gallo, I. (2006) – Vías Romanas. Ingeniería y técnica constructiva, 2ª edición, [s.l]: Ministerio de Fomento CEDEX-CEHOPU, p. 17.

do os dados que sobre esta matéria vêm adquirindo merecido espaço no cômputo geral da investigação arqueológica concelhia.

Ponte romana de Barrimau

As pontes romanas caracterizam-se vulgarmente pela sua solidez construtiva e aparato arquitectónico, encontrando-se normalmente inseridas em traçados que ligam importantes centros urbanos com destacadas funções político-administrativas e económicas. Pelo seu carácter utilitário, as pontes são um dos mais marcantes valores patrimoniais no meio em que se inserem. A elas se reportam lendas e estórias que enriquecem a sua própria história, por vezes mais rica que a própria tipologia construtiva ou aparato arquitectónico. Carregadas de enorme simbolismo, dada a importância que encerram enquanto meio de transposição de um condicionalismo geográfico, normalmente um rio, as pontes foram tidas acima de tudo como forma de elo. Tal como as vias, as pontes são igualmente um importante legado do mundo romano, reflectindo elevado factor de romanização², contribuindo para que os povos vindos do Lácio conseguissem melhor consolidar a sua política administrativa no vasto território do Império Romano.

No lugar de Barrimau, onde se encontra actualmente um pontão em betão sobre o rio Sousa, construído nos inícios do século pela autarquia de Lousada, existiu uma ponte de fundação romana. À época da construção do citado pontão ainda persistiam os arranques dessa primitiva ponte em ambas as margens. Apenas nos ficaram algumas notas deixadas pelo Mestre Ricardo Teixeira e pelo Mestre Miguel Rodrigues, que recolhemos junto dos autores, e pela consulta da Base de Dados – Endovélico (DGPC). Tratar-se-ia de uma ponte composta apenas por um arco de volta inteira, com pedras almofadadas em granito, encontrando-se o referido almofadado nas faces a montante e jusante e inclusive no intradorso (Fig.1a e 1b). A técnica construtiva aplicada, pelo que nos foi possível depreender pelo registo fotográfico realizado pelos autores anteriormente referidos, foi a de testa-peito. Nas fotografias da ponte que ilustram este texto, observa-se a aplicação de silhares de diferentes dimensões e as fiadas em desalinho, pelo que parece revelar obras de restauro efectuadas na ponte, em momento que não

Freguesia da Transfiguração de nosso Senhor da Auellada, do concelho da Louzada, termo da Villa de Barcellos, e os casais e sítio no concelho de Vinhlo, comarca da Villa de Guimarães, Casal de Barrimão, sítio na Aldea de Barrimão, & tem as propriedades seguintes.

¶ Hum assento de casa de morada terreira, chã cozinha mea telhada, pelleito, quatro coeres de galvo, eita có feu alpeide, & quinteiro, duas ortas, & o campo da Eira, & o cipo das Figueiras, & o campo da Portagudo junto có vazeira, Figueira, & outras a ruínas de fructo, & leuara de feneadura deze alqueires de pão, & parte da banda do Nacete có faldas da Aldea, & com terra do Mosteiro de Freixo, & do Mosteiro de Sam Gonçalo de Amaras, & traço Górgo Giza de Barrimão, per parede de cipo, & parte de casa, & có terra do dito Mosteiro q' traçam Marcos Pedro, & Górgo Giza, per R. ribada, & tres marcos q' os Louzados meterão, & há velho no cabo, sítio do caminho, & pella dita banda doze varas e dezoito varas: & parte da banda do Norte có caminho publico, per vallo, & té ate a eirada q' vy de Lamas para Barrimão, cento e vinte e seis varas: & parte da banda do Poente com a dita eirada, per vallo, tem pella dita banda catorze varas, & faz volta pera o Poete, atravessando a dita eirada, & tornão a partir da banda do Norte com terra da dita Meia, que traç Andre Gonçalez de Lama, per hum marco velho, tem pella dita banda dezafeis varas: & parte da banda do Poente com terra da Igreja da Auellada, que traç Manoel Vaz de Gens, per Ribada, & cinco marcos que os Louzados meterão, & hum velho, tem pella dita banda cento e dezafeis varas: & parte da banda do Sul com terra do dito Mosteiro de Freixo, que traç o dito Gonçalo Gonçalez, per tres marcos que os Louzados meterão, tem pella dita banda corenta e tres varas.

¶ A leirinha da praia de Mares, com tres vazeiras, que leuara de feneadura meo alqueire de pão, & parte da banda do Norte com terra do dito Mosteiro de Freixo, que traç Marcos Pedro de Barrimão, per dois marcos velhos, tem pella dita banda cincoenta e hã varas: & parte da banda do Norte com caminho publico, per vallo, tem pella dita banda dezafeis varas: & parte da banda do Poente com a praia de Mares, per vallo, tem pella dita banda doze varas: & parte da banda do Sul com terra da dita Igreja da Auellada, que traç Balthazar Fernandez do Porto, & com terra do dito Mosteiro de Freixo q' traç o dito Marcos Pedro, per parede, tem pella dita banda cinco e hã varas.

¶ A bouca da Portella, có duas lanadeiras, & leuara de feneadura tres alqueires de pão, & parte da banda do Nacete có a minho publico, & có o monte do Outeiro, per vallo, & parte da banda do Norte com terra do dito Mosteiro de Freixo q' traç Gonçalo Gonçalez, & com terra da dita Meia, que traç Gregorio de Magalhães, & Maresa Fiz, & Frutuio Vaz, per vallo, & parte da banda do Poente com terra da dita Meia, que traç Frutuio Francisco, per Ribada, tem pella dita banda vinte e hã varas e tres palmos: & faz volta pera o Poente, & parte da banda do Norte com terra da dita Meia, que traç o dito Frutuio Francisco, per hum marco que os Louzados meterão, tem pella dita banda oito varas e meia: & torna a partir da banda do Poente com terra da dita Meia, que traç o dito Frutuio Francisco, per vallo, tem pella dita banda cincoenta e hã varas: & faz volta pera o Nacete, & parte da banda do Sul com terra da dita Meia, que traç Andre Gonçalez, tem pella dita banda fete varas: & torna a partir da banda do Poente com terra da dita Meia, que traç Andre Gonçalez fazendo arco, tem pella dita banda dezoenta e fete varas: & parte da banda do Sul com terra do mesmo casal, tem pella dita banda onze varas.

¶ O campo dos Lagartos, que leuara de feneadura alqueire e quarta de pão, & parte da banda do Nacete có terra deiteo mesmo casal, & com terra da dita Meia, que traç Andre Giza, per quatro pedras matmotes grandes, tem pella dita banda corenta e hã varas: & parte da banda do Norte com terra da dita Meia, que traç Gregorio de Magalhães, & com terra da dita Igreja da Auellada, que traç Balthazar Fernandez do Porto, per hum marco velho, & hã pedra marmore, tem pella dita banda dezanove varas e meia: & parte da banda do Poente com terra do dito Mosteiro de Freixo, que traç Gonçalo Gonçalez de Barrimão, per dois marcos velhos, tem pella dita banda fefenta e hã varas e hum palmo: & parte da banda do Sul com caminho publico, per vallo, tem pella dita banda cincoenta e hã varas.

¶ O campo da Praia, & hã vazeira, & leuara de feneadura cinco alqueires de pão, & parte da banda do Nacete có terra do dito Mosteiro de Freixo, q' traç o dito Marcos Pedro, per dois marcos velhos, & té pella dita banda ate a eirada fefenta e cinco varas: & parte da banda do mesmo Nacete có a dita eirada, & pella dita banda fefenta e fete varas: & parte da banda do Norte có o monte do Outeiro, & pella dita banda dezoito varas: & parte da banda do Poente có caminho publico, & pella dita banda fefenta e duas varas: & parte da banda do Sul có terra do dito Mosteiro de Freixo, q' traç o dito Marcos Pedro, & có terra da dita Meia, q' traç Mateus Fiz, & có terra da dita Igreja da Auellada, q' traç o dito Balthazar Fiz do Porto, e có terra deiteo mesmo casal, fazendo volta per dois marcos velhos, & vallo, tem pella dita banda nouenta e oito varas.

¶ A leirinha da Praia, com duas vazeiras, que leuara de feneadura meo alqueire de pão, & parte da banda do Nacete có terra da dita Meia, que traç Mateus Fernandez per hum marco velho, ou arco que os Louzados meterão, & hã pedra mat morem, tem pella dita banda oitenta e duas varas: & parte da banda do Norte có terra da dita Meia, que traç o dito Mateus Fernandez per hum marco velho, & outro que os Louzados meterão, tem pella dita banda fefenta varas: & parte da banda do Sul com o Ribeirinho da praia de Mares, tem pella dita banda fete varas e hum palmo.

¶ A leira da Lagoa, com vazeiras, que leuara de feneadura tres quartas de pão, & parte da banda do Nacete com terra de Górgo

Fig. 2 - Título e extracto do tombo respeitante às propriedades do Casal de Barrimão pertencentes ao Mosteiro de Paço de Sousa, fl. 571v.

nos é possível precisar. Também algumas das pedras, pela sua medida, parecem indicar reaproveitamentos de estruturas preexistentes, de certo aparato construtivo, habitacionais ou não. Esta ponte ainda se encontrava de pé em 1593, à época chamada de “ponte de Grades”³, achando-se mencionada na demarcação das propriedades do “Casal de Barrimão”, concretamente da “bouchina da Fonte”, que limitava da banda do Sul com caminho que é serventia da mencionada “ponte de Grades”. Estes dados encontram-se no Tombo do Mosteiro de Paço de Sousa, na parte respeitante à “Freguesia da Transfiguração de nosso Senhor da Auellada, do concelho de Louzada...”.⁴ Para além das referências descritas, são várias as informações concernentes à viação cuja análise do conjunto dos dados nos permite delinear as principais “estradas” e “caminhos públicos”⁵ que sulcavam

²Almeida, C. A. F. de (1968) – *Vias medievais. Entre Douro e Minho I*. Dissertação para Licenciatura em História. Porto: FLUP (policopiado), p. 16.
³ Andrade, Ambrósio de (1593) - *Liuro de tombo dos bens, direitos, padroados, comedorias, iurdições, passais, quintas, casais, propriedades... que foi do mosteiro de Sam Saluador de Paço de Sousa...* Euaora: por Manuel de Lyra, fls. 572. Obtido em [site em linha]: <http://purl.pt/14779>.
⁴ Andrade, Ambrósio de (1593) – *op. Cit.*, fls. 571v-580.
⁵ No Tombo do Mosteiro de Paço de Sousa aludido, para além de várias referências que apontam propriedades a confrontar com “caminho público”, o que atesta a existência no aro administrativo da freguesia de Aveleda várias vias comunitárias de circulação, encontramos também dados que nos mostram claramente a presença de eixos viários classificados como “estrada”, qualificação que nos dá conta da presença de caminhos de circulação carraria, o que permite aquiescer tratar-se de vias com largura permissível ao trânsito de carros puxados por animais, bem como serem detentoras de pavimento reforçado em terra batida e/ou com empedrado. É possível que não fossem as vias carrais integralmente pavimentadas com lajes de pedra, devendo mais surgir este tipo de pavimento em zonas que mercê das características topográficas estavam mais expostas à degradação do piso.

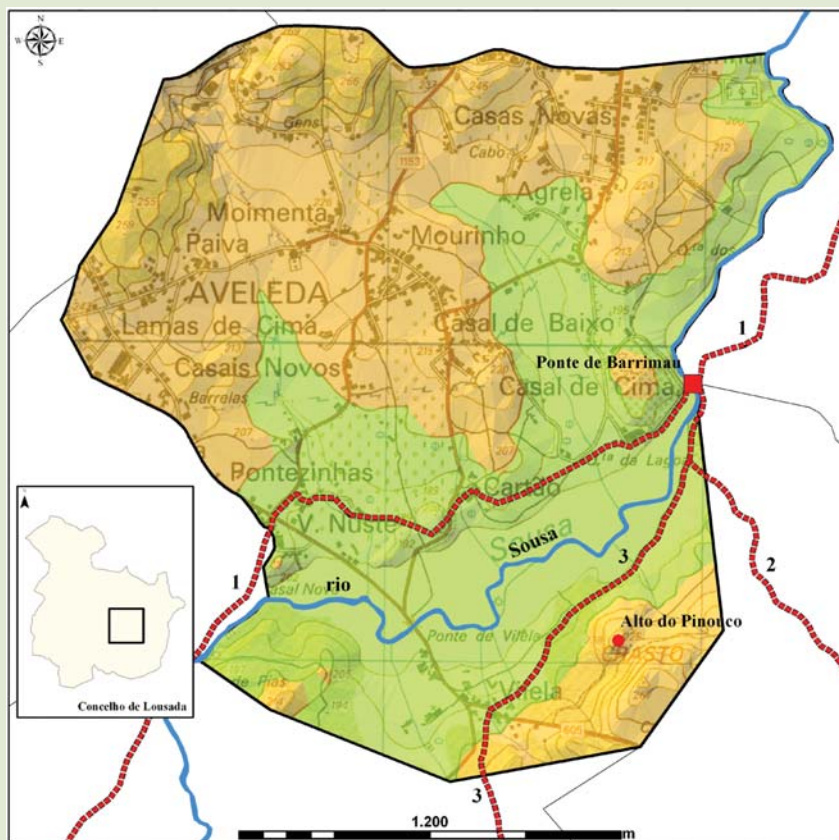


Fig. 2 - Mapa da freguesia de Aveleda com implantação da ponte de Barrimau e da rede viária confluyente

esta parcela administrativa do território concelho lousadense na Idade Moderna. Com estes conhecimentos somos confrontados com uma densa rede terrestre que colocava em contacto e estreitava os laços sociais entre os focos populacionais identificados na freguesia, concorrendo, de igual modo, para corroborar alguns aspectos relacionados com o traçado da rede viária precedente, da Época Romana e Idade Média, que trabalhos de campo e recolha de dados documentais medievos têm possibilitado colocar em confronto, facto que permite com alguma segurança delinear, ainda que sob uma perspectiva que forçosamente reflecte o peso do tempo decorrido, a densa rede que servia os vários quadrantes da freguesia.

No «Livro de Óbitos» da Igreja do Salvador de Aveleda que abarca os anos entre 1625 e 1670, no registo efectuado pelo Pe. Domingos Correia a respeito do indivíduo Santos Gonçalves, datado de 19 de Janeiro de 1657, encontra-se a seguinte passagem: *faleceo (...) de hum desastre afogado no rio de Sousa debaixo da ponte de Vilela*⁶. Este trecho

revela que a ponte de Vilela já existia nesta altura. A que se deveu a sua construção uma vez que a ponte de Barrimau se encontrava a pouca distância? Será que após a data de 1593 a ponte de Barrimau perdeu a preponderância estratégica ou, por seu lado, caiu em ruína? Seja como for, nas Memórias Paroquiais de 1758 o Pe. Francisco Alvares de Azevedo, à época pároco da freguesia de Aveleda, ao mencionar as pontes de cantaria ou de pau nela existentes, alude a um *pontido* de pedra, *a que chamam as poldras de Barrimau que serve de passagem desta freguesia para a freguesia de São Pedro de Cahide*. Na mesma passagem cita que *só pode passar hua pessoa ao mesmo tempo, por ser estreita*⁷. Quer isto dizer que a ponte já não se encontrava transitável, pelo menos a veículos puxados por animais e que apenas se resumia à presença de umas poucas pedras que funcionavam como poldras, sobre as quais, eventualmente, em um dado momento se lançaram umas tábuas ou troncos de madeira a unir ambas as margens, funcionando como mero passadiço na circulação de pessoas.

⁶ Arquivo Distrital do Porto - PRQ/PLSD02/003/0002, Cota: E/12/2/3-10.4 - Bobina n.º 135, fl. 101v.

⁷ Capela, J. V.; Matos, H.; Borralheiro, R. (2009) – *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. de Autor, p. 299.

Via romana de Macieira da Lixa (Felgueiras) a Valongo (via nº 1)

Este troço de via com uma extensão aproximada de 48,6km foi iniciado em Macieira da Lixa, com um ligeiro prolongamento para Agilde (Celorico de Basto). Nas proximidades deste eixo situa-se o importante povoado da Senhora da Aparecida (Pinheiro-Felgueiras), todavia, foram sobretudo considerados os vestígios arqueológicos de Época Romana surgidos em Macieira da Lixa, nomeadamente os conotados com a actividade mineira nas proximidades do castro de Macieira. A bordejar este troço, encontramos duas necrópoles romanas, a das Veigas e Maçorra. A partir daqui, o troço desta via cruzava Vila Cova da Lixa-Caramos⁸, ia a Airães, onde apareceu uma necrópole em Monte das Campas, continuava por Vila Verde, Aião, passava no sopé do castro da Trovoada (Santa Cristina de Figueiró), entrava de seguida no concelho de Lousada, seguindo, eventualmente por Torno e Vilar do Torno e Alentém. Ainda em Vilar do Torno e Alentém foi identificado um provável casal romano no lugar da Herdade, conhecendo-se também nas proximidades deste sítio um lagar⁹, localizado na Cerca dos Veados. Mais adiante, a via transpunha o rio Sousa em Barrimau (Aveleda-Lousada), onde existiu uma ponte de Época Romana, cujos arranques, como acima ficou dito, ainda há alguns anos se observavam em ambas as margens. Seguia a via por Pias, Meinedo (ladeando a margem direita do rio Sousa), Bustelo, Lodaes, Novelas, Santiago de Subarrifana, Castelões de Cepeda (podendo aqui haver um ramal a desviar para a ponte de Cepeda), continuava por Mouriz, onde apareceu uma necrópole, Cête, Baltar, com duas necrópoles romanas conhecidas na área, pelo sopé do povoado de São Silvestre e Vandoma. Cruzava Gandra, Campo, pela ponte romana/medieval de Luriz, sobre o rio Ferreira, conhecendo-se aqui também uma necrópole romana em Corredoura¹⁰, dando-se o *terminus* deste troço por Valongo, certamente com ramais de ligação à serra de Santa Justa, onde se documentou forte actividade mineira em Época Romana¹¹.

Ponte romana de Canaveses (Sobretâmega-Marco de Canaveses) à ponte romana de Barrimau (Aveleda-Lousada) (via nº 2)

Julgamos que este troço de via, cujo percurso apresenta uma extensão de, aproximadamente, 13,4km,

passaria por Sobretâmega, Constance, no extremo nordeste da freguesia de Vila Boa de Quires, do concelho de Marco de Canaveses, São Martinho de Recezinhos e São Mamede de Recezinhos, do concelho de Penafiel, Caíde de Rei e Aveleda, do concelho de Lousada.

A ponte de Canaveses tem uma indubitável fundação romana. Elementos deste período foram registados por Abílio Miranda, podendo ver-se numa fotografia tirada aquando do desmantelamento da referida ponte, pela década de 40 do século XX, pedras almofadadas ou com *forfex*¹². Neste percurso são conhecidos alguns achados, nomeadamente na Suvidade (São Mamede de Recezinhos-Penafiel), com dilatada cronologia desde a Idade do Bronze até à Época Romana¹³. Já em Lousada, em Caíde de Rei, documentou-se o aparecimento de vestígios romanos no Monte da Poupã e em Vila Verde, local onde terá existido uma *villa* romana com necrópole.

Ponte de Barrimau a Meinedo (Lousada) (via nº 3)

Este caminho com uma extensão de pouco mais de 6km dirigia-se a Meinedo, cruzando de seguida a freguesia de Bustelo (Penafiel). Após a saída da ponte de Barrimau detectam-se vestígios de circulação carrária na rocha granítica da região, assim como de cortes em rocha dura e degradada para permitir a circulação, a mais aplanada possível, dos veículos, tendo em média cerca de 3 a 4 metros de largura. Não se observam quaisquer elementos de calcetamento da via, ou seja, as vulgares calçadas, verificando-se apenas o uso de terra batida e da rocha base quando esta aflora. Ao longo deste troço estão identificados o castro do Alto do Pinouco e um casal(?) romano com necrópole(?) nas proximidades da Quinta de Vilela (Aveleda), bem como o castro e *vicus* de Meinedo.

Considerando o aparecimento de materiais arqueológicos romanos enquadráveis no câmbio de Era no castro do Alto do Pinouco (Aveleda), é de crer a existência desta via já pelos finais do século I a.C. ou inícios da centúria seguinte.

Actualmente este troço de via é apenas utilizado por populares locais nas deslocações para os campos agrícolas e para a recolha de matos nas encostas do Alto do Pinouco e Castro.

⁸ Nesta área a via parece ter sido considerada como divisão de freguesias.

⁹ Este lagar é provavelmente de cronologia medieval. Encontra-se cavado num bloco granítico, com três cavidades que comunicam entre si por gravidade, ou seja, encontram-se em diferenciados patamares altimétricos. Este apresenta um recipiente onde se procedia à pisa (*calcatorium*) das uvas e um outro onde se realizava a prensagem das mesmas (*prelum*), comunicando estas duas cavidades com uma outra, situada num plano inferior, que recebia o mosto (*lacus*).

¹⁰ Mendes-Pinto, J. M. S. (1990/91) – *A necrópole galaico-romana de Corredoura (Campo-Valongo)*. in Portugalia, nova série, vol. XI-XII. Porto: FLUP/Instituto de Arqueologia. pp. 149-153.

¹¹ Almeida, C. A. F. de A (1968) – *op. cit.*, p. 42.

¹² Soeiro, T. (1984) – *Monte Mózinho. Aparentamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*, in Penafiel: Boletim Municipal de Cultura, 3ª série, nº 1. Penafiel: Câmara Municipal, p. 48.

¹³ Soeiro, T. (1984) – *op. cit.*, p. 46-48.